



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS III
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO EM MULTIMEIOS

EU SOU O QUE SOU – MANUCA ALMEIDA

VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

MEMORIAL ANALÍTICO DESCRITIVO

JUAZEIRO-BA
DEZEMBRO/2021



ANDRÉ CALIXTO DE SOUZA BRITO

EU SOU O QUE SOU – MANUCA ALMEIDA

VÍDEO-DOCUMENTÁRIO

MEMORIAL ANALÍTICO DESCRITIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte do TCC de Comunicação Social – requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB.
Orientação: Professor Dr. Emanuel Andrade.

**JUAZEIRO-BA
DEZEMBRO/2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

B862e Brito, André Calixto Souza

Eu sou o que sou: Manuca Almeida / André Calixto Souza Brito.
Juazeiro-BA, 2021.
43 fls.:il.

Orientador(a): Prof. Dr. Emanuel Andrade.
Inclui Referências
TCC (Graduação - Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios)
– Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.
Campus III. 2021.

1. Emmanuel Gama de Sousa Almeida – Manuca Almeida. 2. Memórias - Manuca Almeida. 3. Manuca Almeida – Obras poéticas. I. Andrade, Emanuel. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 780.8

“Se alguém lhe amar como eu, não é alguém, sou eu.

Eu queria ser você, só pra dizer sim.

Sonhos não dormem.

Acorde seus sonhos mais cedo”.

Manuca Almeida

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela graça de ingressar na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), logo no primeiro vestibular que fiz para o curso de jornalismo. E também por me fortalecer em momentos difíceis que enfrentei durante a minha trajetória acadêmica, em razão de ter que conciliar meus horários entre família, trabalho, atividades, pesquisas e estudos acadêmicos.

À minha fonte inspiradora Adione de Souza Calixto, minha mãe, por torcer, acreditar e vibrar com as minhas conquistas, bem como ser o encorajamento motivador quanto a minha determinação, ousadia e intrepidez, no sentido de enfrentar e superar os desafios em tudo que traço como meta e almejo para a minha vida.

À minha família, filhos e filhas, esposa, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, amigos, colegas e vizinhos pelas palavras de ânimo, ajudas, suportes financeiros e aconselhamentos que fizeram parte da realização do meu sonho em concluir o curso, receber meu diploma e de fato e de direito me tornar um jornalista.

Em nome do meu orientador, professor Emanuel Andrade e da professora Andrea Cristiana Santos, quero agradecer a todo corpo docente, técnicos e servidores da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pela convivência, aprendizado, sugestões, orientações, aulas, congressos, seminários, viagens, fóruns e debates. Que para além da minha graduação, tornaram-me um ser humano mais atento, opinativo e cuidadoso nas mais diversas análises de conteúdos que permeiam o nosso cotidiano.

Aos amigos e amigas, guerreiros e guerreiras de batalhas para além da academia a exemplo de Ailton Nery (cinematista e editor deste trabalho), Andressa Silva, Gabriel Marinheiro, Márcio Reges e Maria Aucilania pela empatia, concordâncias e discordâncias, lutas e vitórias que enfrentamos juntos e, assim, vencemos os medos e nos tornamos mais próximos, culminando numa amizade para toda a vida.

Aos entrevistados, Alexandre Leão, Andrea Vitória, Andrezza Santos, Armando Almeida, Bega Silva, Carlos Britto, Carlos Clara, Carlos Laerte, Carlos Mauricio “Mauriçola”, Farnésio Silva; Ermi Ferrari (Junolão), Fernanda Almeida, Flávio Ciro, Florêncio Galdino, Iana Almeida, João Sereno, Jorge Reis, Josias Amorim, Laurinha Arantes, Lu Almeida, Manollo Ferreira, Margareth Menezes, Paulo Betti, Sérgio Murilo, Targino Gondim, Tato Falamansa e Xangai, minha gratidão!

RESUMO

Este memorial analítico descritivo apresenta os processos de teorização e de produção utilizados para a construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no formato vídeo documentário *Eu sou o que sou – Manuca Almeida*. O produto é um perfil jornalístico de um personagem importante na cultura artística da cidade de Juazeiro (BA) - Emmanuel Gama de Sousa Almeida, artisticamente conhecido como Manuca Almeida. Para a construção do videodocumentário, produto midiático. Foram utilizados documentos e depoimentos da esposa do artista, filhas, neta, irmão, amigos, artistas e pessoas que o conheceram e vivenciaram com o poeta, com o compositor, com o produtor, com o ator e com o empreendedor, que ele foi pontuando a importância de suas produções artísticas mais diversas e os significados e legados de sua trajetória.

Palavras chave: Manuca Almeida; Documentário; Memórias; Poeta; Compositor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 ENCONTRANDO-ME COM MANUCA.....	8
1.2 CONHECENDO MANUCA ALMEIDA	10
1.3 MANUCA ALMEIDA E AS SUAS OBRAS POÉTICAS, LITERÁRIAS, ARTÍSTICAS E MUSICAIS	11
2. OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
3. JUSTIFICATIVA	15
3.1 PERFIL SOBRE A VIDA DE MANUCA ALMEIDA	15
3.2 ANOS 80: PRODUTOS POÉTICOS E RECITAIS	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO	23
5. METODOLOGIA	26
6. DESCRIÇÃO DOS PRODUTOS PRÁTICOS	27
6.1 DO PROCESSO DE GRAVAÇÃO	27
6.2 DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO, DECUPAGEM E FINALIZAÇÃO	28
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE I - Cronograma	33
APÊNDICE II - Orçamento	34
APÊNDICE III - Sinopse e Ficha Técnica	35
APÊNDICE IV – Termos de Autorização de Uso de Áudio e Imagem	36
APÊNDICE V - Entrevistados	37
APÊNDICE VI – Roteiro de entrevistas	38
APÊNDICE VII – Roteiro do documentário	39

APRESENTAÇÃO

Este memorial relata as etapas de criação do vídeo documentário *Eu sou o que sou*, retratando memórias sobre a vida e as obras poéticas, literárias e musicais de Emmanuel Gama de Sousa Almeida “Manuca Almeida”. Evidenciando a trajetória do artista, poeta, escritor, produtor e compositor, suas performances, atuações teatrais, trabalhos e parcerias, traz um levantamento cronológico que se fez desde o seu nascimento, até a sua morte em novembro de 2017.

Ao iniciar o desenvolvimento da pesquisa, percebi a amplitude e abrangência do tema escolhido, pois não se trata de um poeta ou de um compositor, que enveredou no campo das artes poéticas e musicais, pensando em se autopromover, ou atrair os holofotes apenas para si próprio, mas, que cultivava o respeito, amor e dedicação, quanto à exposição dos trabalhos de seus parceiros, fossem músicos ou intérpretes, no sentido de expandir e dar notoriedade, quer seja nos pequenos, médios e grandes espaços, como também a publicização das obras assinadas por ele ou em parceria, expondo assim, o versátil perfil dos artistas de Juazeiro, no Vale do São Francisco, no Nordeste e até mesmo no Brasil, através dos meios de comunicação de massa e pelas plataformas digitais.

Para entender a atuação de Manuca Almeida, em Juazeiro, no país e no mundo, foi preciso fazer uma pesquisa no Memorial Manuca Almeida, que contém as obras, imagens, áudios, livros, quadros, Cd’s, troféus, diplomas, certificados, recortes de jornais e de revistas do próprio artista. Esse memorial que tem como curadora a sra. Lucélia Almeida, que foi esposa de Manuca e me apresentou todo o acervo, bem como me concedeu vários depoimentos significativos e norteadores para a produção do vídeo documentário.

Além disso, realizei entrevistas com familiares, amigos e parceiros, e pesquisas na internet e nos arquivos de matérias e entrevistas como o artista produzidas pela TV Caatinga, TV UNEB Juazeiro e TV São Francisco. É importante ressaltar que se faz prazeroso do ponto de vista da versatilidade que a comunicação nos propõe, desenvolver projetos em audiovisual, por se tratar de linguagens que utilizam inúmeros recursos como imagens em movimento, sons, cores e efeitos que possibilitam utilizar a criatividade de uma forma até mesmo lúdica.

1. INTRODUÇÃO

Despertei o meu gosto por produzir Vídeos Documentários com personagens folclóricas e do meio artístico cultural de Juazeiro, desde o segundo semestre de 2017, período em que cursei a disciplina Telejornalismo II, ministrada pela professora, Fabíola Moura. À época participei juntamente com os estudantes Gabriel Marinheiro; Giúllian Rodrigues e Márcio Reges da minha primeira produção que foi o Curta-Metragem intitulado Meu Nome é Nega Tonha.

A experiência obtida em 2017 me deu bagagens e entendimentos para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade de Vídeo Documentário. Destaco que uma produção solo é árdua, mas nos leva a ter experimentos incríveis e desafiadores, os quais proporcionaram a amplitude de visão, para trilhar novos caminhos, experimentações e conhecimentos práticos de produção.

1.1 – ENCONTRANDO-ME COM MANUCA

No primeiro semestre de 2018, durante a disciplina TCC I, tinha em mente a produção de um livro reportagem com o título: Filhos Ilustres. O qual iria trazer em sua composição abordagens de juazeirenses natos e adotivos, que com as suas histórias de vida e trabalho trouxeram grandes contribuições educativas, sociais, folclóricas, culturais e políticas no contexto histórico de Juazeiro. Surgiram muitas indefinições quanto ao assunto a ser tratado por conta de evidenciar vários perfis de inúmeros personagens.

Mas, a partir da primeira orientação com o professor Iury Parente, as coisas tomaram outro rumo. Sabiamente, ele sugeriu que eu escolhesse evidenciar somente um personagem, ou seja, aquele que despertasse em mim um maior interesse na tomada de decisão da escolha. Nomes como Carmelita Parteira; João Doido; Jason “o nadador”; Mauriçola; Manuca Almeida; João Sereno, entre outros passaram em minha mente. De todos, o que eu tinha mais aproximação era Manuca, razão pela qual decidi produzir não mais um livro reportagem, mas sim, um Vídeo Documentário, por sugestão do professor Emanuel Andrade.

Imediatamente, informei ao professor Iury Parente, sobre a decisão que havia tomado em produzir outro produto e com apenas um personagem como o mesmo havia sugerido. Ao apresentar a proposta do Vídeo Documentário: Eu sou o que sou – Manuca Almeida, para o professor, o mesmo prontamente considerou viável a realização do trabalho, e o próximo passo foi decidir os encaminhamentos que seriam dados de acordo com a escolha.

A possibilidade de contar esta história em uma espécie de mosaico, composto por várias vozes, que revelam com propriedade a vida, as artes, rotina e alguns costumes do personagem, os quais foram materializados em um Vídeo Documentário, finalizou este primeiro momento que foi visitado por dúvidas, ansiedade e preocupação.

A partir daquele momento, as tarefas seguintes foram fazer o levantamento bibliográfico, identificar os possíveis entrevistados, onde conseguir imagens antigas, fotografias da época, jornais da época, como seria o acesso ao arquivo pessoal de Manuca Almeida, para então desenvolver o cronograma de atividades. Ao tempo em que se desenvolviam as leituras, buscava-se as imagens de arquivo, resolvia-se as questões referentes às gravações e à edição do vídeo, foi elaborado também o termo de autorização de imagens.

O trabalho começou a fluir muito bem quando as entrevistas foram realizadas com as pessoas que conviveram e compartilharam de momentos inesquecíveis ao lado de Manuca Almeida. Com as informações adquiridas, foi feito um levantamento de telefones, endereços e mídias sociais de possíveis fontes para a realização de entrevistas de sondagens, que norteariam os depoimentos durante as gravações: quem falaria, qual o episódio e o que falaria exatamente. Esse período teve duração de dois meses. A morosidade em concluir este processo está relacionada à agenda de algumas fontes, contudo foi de extrema importância porque, a cada conversa que era realizada, novos fatos foram evidenciados e novas pessoas eram indicadas para falarem sobre o artista.

Após as entrevistas de sondagem, comecei a pesquisar o arquivo pessoal do personagem, no Memorial Manuca Almeida, no espaço em que eu encontrei todos os documentos e pertences do artista e foram encontrados muitas fotos, documentos, jornais antigos que noticiavam fatos relacionados a Manuca e imagens antigas cedidas em VHS por Lu Almeida, curadora do Memorial. Ainda através de ofícios solicitei a autorização das TV's Caatinga – Univasf e São Francisco, a utilização de possíveis imagens de trabalhos e matérias que foram realizadas com o personagem nos respeitáveis veículos de comunicação.

Decidi que o roteiro de pré-produção seria elaborado depois que as pesquisas sobre o personagem avançassem e depois que fossem vistos alguns documentários, como Raul – O Início, fim e meio; Cacaso na Corda Bamba e Forma é Poder: A poética jornalística de Paulo Leminski.

Com o pré-roteiro de edição pronto, foi organizado o percurso das gravações e realizados os agendamentos com os entrevistados. Às vésperas da captação das imagens, fui informado pelo professor e orientador Emanuel Andrade que a UNEB - Campus Juazeiro não possuía nenhum cinegrafista disponível para realização das gravações e edições das imagens.

Daí iniciei a busca para contratar um profissional competente da área cinematográfica, e após várias sugestões de colegas que já trabalham na área, cheguei até Ailton Nery, profissional de uma emissora local, que se juntou ao projeto. As gravações duraram duas semanas e mais alguns dias alternados.

A decupagem das imagens levou quatro dias e se realizou somente depois que as pesquisas e as leituras foram concluídas, pois o intuito era editar o produto sem qualquer preocupação. Durante dez dias, em horários alternados, o Vídeo Documentário estava editado e, imediatamente, encaminhado ao orientador para fazer as devidas correções. Já o memorial foi constituído gradativamente, à medida que os fatos foram acontecendo e as pesquisas iam avançando.

1.2 – CONHECENDO MANUCA ALMEIDA

Conheci Manuca no pátio da feira livre de Juazeiro-BA, especificamente na barraca de Kacai dos correios. Na época eu com meus 12 a 13 anos já começava a admirá-lo. Desde então ele também simpatizou comigo e me chamou para auxiliar nas entregas de móveis e estofados do pai dele. Entregamos vários entre Juazeiro-BA e Petrolina-PE na picap fiat 147. Tempos depois ele me convidou para ser o primeiro jardineiro do seu jardim, que hoje é a praça Luluzinha Almeida.

Para compreender a atuação de Manuca Almeida, em Juazeiro, no País e no mundo, precisei fazer uma pesquisa no Memorial Manuca Almeida que contém as obras (imagens, áudios, livros, quadros, Cd's, troféus, diplomas, certificados, recortes de jornais e de revistas) do próprio artista). E lá, fui recebido por Lucélia Almeida, curadora do Memorial e viúva de Manuca, a qual me apresentou todo o acervo, bem como me concedeu vários depoimentos significativos e norteadores para a produção do vídeo documentário.

Além disso, também realizei entrevistas com familiares, amigos e parceiros de Manuca, pesquisas na internet e nos arquivos de matérias e entrevistas que a TV Caatinga, TV UNEB Juazeiro e TV São Francisco realizaram com Manuca Almeida.

Destaco que é muito prazeroso para mim desenvolver projetos em audiovisual, por se tratar de linguagens que utilizam inúmeros recursos como imagens em movimento, sons, cores e efeitos que possibilitam utilizar a criatividade de uma forma até mesmo lúdica.

1.3 – MANUCA ALMEIDA E AS SUAS OBRAS POÉTICAS, LITERÁRIAS, ARTÍSTICAS E MUSICAIS

Poeta performático e escritor, irreverente e inquieto, Manuca Almeida começou sua carreira artística escrevendo para o jornal Tecanos em 1978, onde já registrou seus primeiros poemas. Dos seus mais de 40 anos de trabalho temos 11 livros publicados: *Faça de conta* – 1980; *Retrato falado* – 1981; *Axé mamãe e akunam* - 1982. *Provedor de palavras* - 1998. *Equilíbrio da palavra* – 2002; *Quase poema* – 2006; *Além do amor* - 2012 e *Poucas palavras*, 2014. Foram lançados depois de sua partida *Coesia*, em 2018, e *Seu Emmanuel quando o amor venceu a dor*, em 2021.

Manuca mergulhava em sua arte e se transformava num poeta-ator performático: recitou em praças e espaços públicos, teatros, ônibus, bares e restaurantes. Sua poesia correu o mundo editava em livros, sedas, calcinhas, tecidos, camisas, canecas, bottons entre outros suportes textuais.

Ele atuou como ator-figurante em vários filmes, entre os quais, Guerra de Canudos (do diretor Sérgio Rezende), filmado na Bahia em 1996, e Memórias Póstumas de Brás Cubas, em 2001 (diretor André Klotzel). Manuca também foi produtor local, chegando a produzir dezenas de comerciais nacionais, tais como o Cigarro Derby, para a Natura, Cerveja Brahma e Antarctica. Ainda como produtor regional, atuou em gravações do Filme Eu, tu eles, da novela Marcas da Paixão, da TV Record, e dos programas Um pé de quê? – apresentado por Regina Casé, através do Canal Futura, e *Muvuca*, também apresentado por Casé na TV Globo. Manuca fez também várias locações no Nordeste, para a Rede Globo.

Como compositor Manuca tem um trabalho sólido, mas o primeiro grande êxito de sucesso aconteceu com a música *Esperando na janela*, gravada por Gilberto Gil e por mais de 40 artistas. Essa, música além de ter sido carro chefe na trilha do filme *Eu, tu eles*, foi à vencedora do Grammy Latino como melhor música brasileira daquele ano. No mesmo ano, a música *Clareza*, também de sua autoria de Manuca Almeida foi gravada pelo cantor Dionorina e foi escolhida pelos internautas como melhor reggae nacional.

Em parceria com Alexandre Leão e Lalado, o letrista dividiu a autoria da música *Pop Zen*, canção gravada pelo grupo baiano Lampirônicos, Família Caymmi, Arnaldo Antunes, Ivete Sangalo, Alexandre Leão, Neotribais e muitos outros (Depois de Esperando na Janela, Pop Zen é a música mais gravada).

Manuca Almeida compôs mais de 600 canções, destas, 250 foram gravadas por grandes nomes da MPB. De todas as formas, estilos e ritmos, sua poesia já ganhou o mundo

na voz de Gilberto Gil, Ivete Sangalo, Dominginhos, Alexandre Leão, Targino Gondim, Jorge de Altinho, Lampirônicos, Roberto Leal, Trio Nordestino, Rio Negro e Solimões, Frank Aguiar, Banda Caiana, Vânia Abreu, Daniela Colla, Gerônimo, Arnaldo Antunes, Margareth Menezes, Marina Elali, Jorge e Matheus, Larissa Manuela, Neotribais e entre outros artistas.

Em 2002 o poeta lançou o CD *Livro versos de amor*, em parceria com Alexandre Leão e com a participação de Roberto Mendes, Márcia Short, Márcio Mello e Carlinhos Cor das Águas. No ano seguinte, lançou o CD de forró, *Eu mais eles*. Nesse CD cantores como Targino Gondim, Jorge de Altinho e Vilella cantam músicas de sua autoria, umas já gravadas e outras inéditas. Sua produtividade expandiu novas inventividades em 2004, ano em que foi convidado pela produção do programa do Jô Soares na Rede Globo, para uma entrevista. À época lançou seus novos produtos poéticos com versos editados em camisetas, bottons, garrafa poética, livro em forma de caixa de fósforo, imã de geladeira e calcinhas que voltaram a ser comercializados no mercado nacional.

Um novo empreendimento saiu do papel em 2005, quando o poeta-empresário inaugurou o Espaço Cultural Quintal do Poeta, em Juazeiro, onde todas as linguagens se reuniam passaram por lá em eventos que misturavam, por exemplo, música, poesia e fotografia. Durante quatro anos até 2006, Manuca foi a voz do carnaval da Rede Bahia, gravando todas as vinhetas promocionais da rede que inclui TV Bahia e Salvador, site Ibahia e rádio Tropical Sat, sendo ouvido em mais de 50 países. Na Copa do Mundo de 2006, Manuca Almeida foi o repórter fanático por futebol da rede Bahia.

Diante de sua versatilidade trabalhou em vários projetos, nesse período, entre eles o CD Diversos, que, como o próprio título diz, diversos artistas interpretam diversos ritmos a partir do pop, reggae, romântico, xote entre outros estilos. Lá estão Dominginhos, Targino Gondim, Alexandre Leão, Márcia Short, Marcos Balena, Maria, Jorge de Altinho e Carlos Vilella. A música Pop Zen foi abertura da novela *Essas mulheres*, da TV Record nas vozes de Nana Caymmi, Dori, Danilo e Dorival Caymmi. Outra música, Olhos de Gude, fez parte de trilhas na mesma emissora e na novela Cristal, do SBT, na voz de Margareth Menezes. Já em 2015, Manuca Almeida emplacou três músicas no ar como trilha da novela *Cúmplices de um Resgate*, do SBT.

A música Esperando na Janela de sua autoria em parceria com Raimundinho e Targino, também foi trilha da novela *Água na boca*, da TV Band. Em 2012 lançou o livro Além do Amor e foi gravado por vários artistas entre eles Arnaldo Antunes. E assim como todos os anos em 2013 parou para comemorar os 35 anos de carreira, lançando vários produtos, entre eles, um CD MP3 com 98 músicas, um CD de forró São Luiz Gonzaga e o

livro Poucas Palavras. Em 2014 produziu o CD autoral *Meu nome é poesia*, com participações de vários artistas como Maciel Melo, Targino Gondim, Alexandre Leão, Tito Bahiense, Bia Góes, Carla Vise e outros.

Em 2015 lançou o kit infantil Toque e Carinho que vem com três livrinhos infantis e um CD direcionado a crianças de 0 a 6 anos e ganhou o festival da canção Edésio Santos com a música *Uma outra Canção* que levou o 2º lugar de melhor música e a cantora Andrezza Santos levou o prêmio de melhor intérprete. Os anos de 2015 e 2016 foram de grande atuação com sua lavra criativa. Três músicas de autoria de Manuca Almeida entraram como trilha em uma só novela: Esperando na Janela, Fica em segredo e a música Fofqueira, feitas exclusivamente para novela Cúmplices de um Resgate da emissora SBT. A Banda Falamansa lançou seu novo trabalho com duas músicas de Manuca Almeida, Um pouco mais de Fé e Respeite a Maré. A canção Açúcar, na voz de Renato Vianna, à época, foi uma das mais tocadas no Brasil.

Ao final de 2016 Manuca participa do 19º festival Edésio Santos da canção mais uma vez, e a sua música com Silas França ganha novamente em segundo lugar e a cantora Andréa Vitória leva o prêmio de melhor interprete. No ano seguinte, mais uma música foi selecionada para o festival Edésio Santos da canção. A música Cada Um, em parceria com Alexandre Leão ganhou novamente o segundo lugar de melhor música e Andrezza Santos levou o prêmio de melhor intérprete.

Ao longo da carreira artística, Manuca colecionou ou vários prêmios, entre os quais, o Troféu diretor da Escola de Samba Cacumbú, em 1º lugar. Nos anos 2000 recebeu o Troféu homenagem do Esporte Clube Vitória – Bahia; em 2001, o Grammy Latino – melhor música, com *Esperando na Janela*; em 2005, o Troféu Imprensa; em 2007, Placa Troféu - Título Cidadão Juazeirense; em 2011, a Placa Troféu – Escola Arco Íris; em 2015, o Troféu Colégio Objetivo homenageado na Semana Literária e também no mesmo ano, o Troféu Festival Edésio Santos da Canção 2º lugar melhor música. Já em 2016, recebeu o Troféu Festival Edésio Santos da Canção 2º lugar melhor música; em 2017, o Troféu Festival Edésio Santos da Canção 2º lugar melhor música; em 2018 foi inaugurado o Memorial Manuca Almeida ao lado do Quintal do Poeta (inaugurado em 2005) – em que ambos espaços são abertos para visitas e eventos culturais. E neste ano de 2021, foi homenageado com a Moção de aplauso da câmara de vereadores de Petrolina pelo livro *Seu Emmanuel, quando o amor venceu a dor*, escrito por Manuca Almeida e Lu Almeida; e também o livro foi lançado na XIII Bienal Internacional do livro de Pernambuco.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir um Vídeo Documentário apresentando a vida e as obras do poeta, compositor e escritor Manuca Almeida, que se faz necessário devido à grande importância desse artista para a cultura de Juazeiro, por sua grande relevância nas mais diversas linguagens artísticas e pela sua significativa contribuição quanto a valorização, expansão e propagação do fazer artístico da cidade e de vários artistas da Bahia e do Brasil.

2.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Destacar as raízes e origens no sentido de fazer uma viagem cronológica da vida do artista.
- Apresentar os livros, poesias e composições musicais escritas por Manuca Almeida;
- Evidenciar as contribuições culturais de Manuca Almeida e sua inclusão social e mercadológica no campo dos poetas de ruas e praças;
- Ressaltar a sua prática como artista ao exercer a influência e de incentivo para com os seus parceiros.

3. JUSTIFICATIVA

A relevância do tema e das abordagens evidenciadas dentro do vídeo documentário, trazem significados importantes, no sentido de trazer narrativas da história de vida do artista Manuca Almeida e registrar e as mais diversas obras de Manuca Almeida, afim de que a sua memória possa ser registrada e exemplificada para a atual e as futuras gerações.

Este trabalho traz uma rica contribuição no aspecto de que as pessoas, estudantes, pesquisadores e a quem mais venha se interessar por conhecer possa ter um vasto material com elementos e informações do poeta e compositor que, com ousadia, intrepidez, muita coragem, perseverança e determinação revolucionou a cultura juazeirense.

Vale ressaltar que existem trabalhos acadêmicos que abordam a história de Manuca Almeida, à exemplo do quadro *Fome de Quê*, produzido pela TV UNEB Juazeiro em 2013 e que está publicado no canal do YouTube¹. Já no ano de 2016, a TV Caatinga – UNIVASF, através do quadro *Entre um Café, Uma Prosa*, disponibilizou através do seu canal, no YouTube, uma entrevista² com Manuca Almeida.

O Vídeo Documentário: Eu sou o que sou – Manuca Almeida, apresenta temáticas diferenciadas das que foram produzidas pelas as duas TV's Universitárias, uma vez, que à época, o personagem ainda em vida participou das gravações. Já este trabalho traz elementos diferenciados, onde as narrativas encontram-se nas falas dos entrevistados.

3.1 - PERFIL SOBRE A VIDA DE MANUCA ALMEIDA

Manuca com K, AKUNAM, Manuquinha, foram alguns dos nomes carinhosos que recebeu quando era pequeno. Manuca foi concebido em Juazeiro, mas nasceu no dia 16 de dezembro de 1963 em Aracaju (SE). Poucos dias depois veio para Juazeiro com a família para Juazeiro: a mãe Eunice Gama de Sousa Almeida, enfermeira e professora de práticas de saúde, e o pai Armando Ferreira Almeida, empresário do ramo de tecidos. No cartório foi batizado Emmanuel Gama de Sousa Almeida. Seu nome tem significado bíblico (Deus conosco).

Filho da enfermeira e professora de práticas de saúde, Eunice Gama de Sousa Almeida, e do empresário do ramo de tecidos, Armando Ferreira Almeida. Dos 7 filhos que

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=QnYhfG8kZHY>

² <https://www.youtube.com/watch?v=2EPjOQ-xZm0>

tiveram, cinco homens e duas mulheres, Manuca era o penúltimo e o único com influências artísticas. Quando pequeno o menino magrinho, chamava atenção pelo bom comportamento e seu jeito de andar muito bem vestido. A partir dos 13 anos, já na década de 70, não demonstrava tanta aptidão e interesse pelos estudos. Por outro lado, gostava de escrever, do carnaval e das escolas de samba da época, especialmente a Cacumbú.

O desinteresse pelos estudos deixava toda família preocupada especialmente seu irmão Armando Almeida que chamou Manuca para uma conversa e lhe deu vários livros para ele ler. Estudou em Juazeiro no Educandário da professora Joaquina. Já em Petrolina, matriculado no Colégio Diocesano Dom Bosco, o perfil intelectual começava a se despertar. Foi lá que lançou o Jornal Tecanos junto com amigos onde era redator e diretor. Nesse jornal há os primeiros poemas publicados nos anos de 1977 e 1978. Deu seus primeiros passos entre 10, 12 anos no empreendedorismo junto com o irmão mais novo Dudu, quando inauguraram a Pães Manduca, uma espécie de imitação semelhante ao nome da famosa rede de supermercado da época Paes Mendonça - unindo os nomes Manuca e Dudu.

Em 1979 o pai Armando Almeida, resolveu colocar Manuca em um internato - o colégio Jackson Figueredo, em Aracaju (SE), de onde ele foi expulso porque puxou a peruca da diretora. De lá, o jovem foi levado para outro colégio interno, o colégio Diocesano de Garanhuns (PE), no ano de 1980, onde ficou apenas dois meses. Nesse período, já respirava poesia e fugia da escola para recitar em praça pública. De volta à Bahia, Manuca foi matriculado no Colégio Maristas, em Salvador, mas também não ficou por muito tempo. Considerava o colégio chato e “tipo burguês”. Mas foi em Salvador, no final da década 1970, entre um internamento e outro, que Manuca conheceu o movimento Poetas na Praça, o mais importante movimento literário, social e político da época. O movimento ultrapassou as ideias coletivas de um sarau e em janeiro de 1979 tomou a Praça da Piedade, para que os poetas dessem seu recado. Como o país ainda estava sob as tensões da ditadura militar, muitos levantavam a bandeira de subversão e foram presos, inclusive Manuca. A partir daí era fácil encontrar Manuca recitando na praça da capital soteropolitana ou na Praça da Sé em São Paulo. Diante dos conflitos com a família, principalmente com seu pai, o poeta resolveu ir morar em São Paulo onde foi acolhido por vários amigos, muitos de Juazeiro que moravam no bairro da Pompéia. Para sobreviver, recebia ajuda financeira da mãe Eunice e produzia livros mimeografados e os vendia na Sé.

Em 1983, Manuca voltou a Juazeiro para visitar a família e aproveitou para apresentar nas ruas da cidade, um pouco do que ele vinha fazendo entre Rio e São Paulo e algumas cidades do Nordeste como Recife e Natal. Criou junto com amigos em Juazeiro, algo parecido

com o que ele fazia junto ao movimento Poetas na Praças, o movimento Chá das 5, movimento livre, grátis e que reunia várias linguagens como poesia, música e teatro. A banquinha de bombons do pequeno comerciante de rua conhecido por Naldinho, na praça da igreja, foi o ponto de encontro e de distribuição do chá de Erva Doce, mesmo nome dado a música de Mauriçola que era sucesso na época, fazendo com que Naldinho também se envolvesse na produção do evento.

Muitos dos artistas iniciantes da cidade fizeram parte do Chá das 5, movimento realizado em praça pública e sempre gratuito, mesmo sem apoio dos poderes públicos. Era um movimento dos artistas para o povo. Em uma visita ao Colégio Motiva em Petrolina para convidar os alunos a prestigiarem o movimento, Manuca conheceu a jovem estudante Lu Almeida e a convidou para assistir à programação daquela semana. O encontro pareceu, um encontro de almas e logo rolou uma química. Amor à primeira vista. Aquela menina tímida, recém-chegada de Floresta (PE), nunca tinha visto algo igual, um rapaz franzino, cabelos encaracolados com muitas indumentárias. Manuca usava muitos acessórios como pulseira, brincos, anéis e o jeito de falar, o jeito de se vestir, tudo do poeta era diferente.

Na quarta-feira, dia do Chá, Lu estava lá, junto com a amiga Sandrinha e o amigo Jorge Onias que mais uma vez a apresentou ao poeta. No mesmo dia, começou o namoro que foi regado a muita poesia. Por causa das poesias de amor, surgiu entre os dois a ideia de comercializar aquelas frases através de objetos poéticos a exemplo de camisas, sedas, calcinhas, ímãs e chaveiros. Daí surgiu a lojinha A Entrada do Céu que ficava em um pequeno espaço embaixo de uma escada no prédio do Mercadinho dos Tecidos, de propriedade do pai dele. Nascia ali o Manuca empreendedor, junto com Lu, que além de trabalhar com ele ficava responsável pela loja enquanto ele viajava para recitar ou fazer compras. As primeiras poesias comercializadas foram: *Se Alguém lhe Amar Como Eu Não É Alguém Sou Eu*, *Eu queria ser você só pra dizer sim*, *Sonhos não dormem*, *Acorde seus sonhos mais cedo*, *De agora em diante vou comer poema pra ver se engordo* e *A Paixão não considera, lhe pega pela perna*.

Apesar do pai não gostar da ideia de Manuca trabalhar com poesia, eles já mantinham um relacionamento cordial o que fez Manuca voltar a morar com os pais. Um ano depois do começo do namoro veio o casamento e um ano depois a primeira filha, Dandara. A loja, cada dia, ficava mais sortida, com o apoio do amigo Defler, grande empresário do ramo de artesanato, e começou com Lu a vender artesanato na loja, também. O espaço embaixo da escada já não era suficiente e o casal alugou um espaço maior na Rua da 28, que logo ficou pequeno também e foi para um espaço ainda maior na rua 15 de novembro. Apesar de toda batalha veio a crise política em 1986 (quando o presidente José Sarney lançou o Plano

Cruzado, que falhou e se configurou numa crise econômica forte) e o casal teve que fechar a loja. Lu foi trabalhar no rádio e Manuca realizou o sonho do pai, foi trabalhar em uma das três lojas que o pai tinha.

Responsável e preocupado com a família, o artista não queria que faltasse nada em casa, mesmo triste por não se dedicando 24 horas a poesia, ele exerceu, durante um ano, a profissão que o pai tanto queria. Mas apesar da necessidade, Manuca não estava feliz com o trabalho e, encorajado por Lu deixou o trabalho com o pai e foi novamente viver de poesia. Financeiramente, foi uma época muito difícil e, logo depois, com a chegada da segunda filha Iana, Manuca sentia que precisava de algo mais concreto e certo financeiramente, para ajudar a Lu nas despesas da casa, já que só Lu tinha emprego fixo.

3.2 - ANOS 80: Produtos poéticos e recitais

A década de 80 foi toda dedicada a poesia, com lançamento de livros, vendas de produtos poéticos e recitais. Às vezes as coisas eram tão difíceis que Manuca viajava só com o dinheiro da ida sem ter nem o do ônibus, quando chegasse ao destino. Muitas vezes, antes dele viajar, Lu saía com alguns discos ou CDs que tinha em casa, vendia e entregava o dinheiro para ele viajar. Joaquim Florêncio, empresário do ramo de livrarias conhecido como Joaquim da Kuka, ajudou muito nesse período, permutava os livros das escolas das filhas e, muitas vezes, comprava os discos que Lu saía para vender.

A década de 90 chegou e com ela muitas possibilidades para trabalhar na área artística e o encontro com a música. A região do São Francisco especialmente o povoado do Junco Salitre se transformou em cenário para filmes, publicidade e novelas. Manuca passou a ser indicado para as produções locais e muitas vezes conseguia participar de pequenas cenas, as vezes como ator e outras como figurante. Para complementar a renda, quando não estava trabalhando em produções, Manuca passou a acompanhar Xangai abrindo shows, ali ele resolvia dois problemas, o de trabalhar e o de viajar. Através de Xangai, Manuca conheceu outros artistas, com os quais logo fez amizade e, assim, começava a trabalhar mais nesse campo. As produções aumentavam a cada dia, e ele chegou a trabalhar com grandes nomes da MPB a exemplo de Geraldo Azevedo, Xangai, Falcão, Zé Ramalho, Belchior e João Bosco. Apesar de muitos shows nem sempre voltava com muito dinheiro para casa, porque no trabalho ele era muito emoção e as vezes não sobrava nada para ele.

Em 1997, foi convidado para fazer parte de uma banda, a Baianos Luz em Santo Amaro da Purificação, onde ele faria uma performance e seria o artista principal. Para isso

precisava fazer um bom investimento. Lu tinha ganhado do pai, um valor alto de uma venda de um terreno com o que ele quis presentear ela. Esse dinheiro foi todo investido na banda entre gravações, estúdio, músicos, viagens, só que nada deu certo e ele voltou para Juazeiro, triste por ter causado todo esse prejuízo.

Lu, não sabia explicar, mas sentia que algo de muito bom estava para acontecer, pois o foco de Manuca no trabalho e a vontade de acertar era grande. Apesar das dificuldades, eles não desistiam. Ela de apoiar e ele de acreditar e lutar. Com as idas para Santo Amaro conheceu também o amigo Charlie Augusto, que morando em São Paulo ajudava Manuca nos tempos difíceis nas idas dele para lá.

Targino Gondim, também em início de carreira, foi o primeiro a gravar criações de Manuca. Apesar de ser um forrozeiro, a música que ele gravou foi uma música romântica chamada O Tempo dela. Ainda nas andanças por Salvador e pelo Recôncavo conheceu o parceiro Alexandre Leão. Este músico virtuoso, de tantas histórias, merecia não só um capítulo, mas um livro. Compuseram juntos a primeira música Calça jeans e nunca mais pararam, assim, Alexandre Leão passou a ser o parceiro constante.

Poesia e melodia, sintonia perfeita entre os dois. Alexandre trouxe a esperança de formar uma carreira como profissional da música, tinha o mesmo amor pela profissão e o foco em construir uma carreira sólida. Depois que descobriu a música, Almeida começou a compor com vários parceiros. Sem cerimônia, ele colava nos intérpretes e compositores e foi aí que as coisas começaram a mudar. Manuca escrevia muito e sempre tinha uma letra pronta ou para terminar na bolsa. Era 1999, e um certo dia foi à casa do músico Raimundinho do Acordeon e o chamou para compor com ele uma música para apresentar para Targino Gondim que estava fazendo seleção para seu novo cd. A música foi apresentada a Targino Gondim que também entrou com sua contribuição harmônica e gravou de imediato. Nascia ali a parceria da canção que conquistou o Brasil e atravessou fronteiras. Nascia, ali, *Esperando na janela* - a composição que mudou a vida de Manuca e dos parceiros.

Com a experiência em produção de filmes e novelas desde as produções do início da década de 90, Manuca foi contratado para trabalhar na produção local do filme *Eu, Tu, Eles* de Andruca Waddington e com um super elenco que unia Lima Duarte, Stênio Garcia, Fernanda Montenegro a Regina Casé. Como em todas as produções, procurava unir as duas profissões, trabalhava como produtor, mas não deixava de apresentar seus amigos, parceiros e, evidentemente, suas poucas músicas gravadas. Era conhecido como grande marketeiro, gostava de fazer marketing. Sempre foi assim, Manuca estava também nos hotéis de Juazeiro e Petrolina, quando sabia que algum artista de peso chegava à cidade. Muitas vezes, ele

entregava em mãos as suas composições, outras vezes as entregava a produtores ou empresários, sem saber se chegava aos ouvidos do artista.

O filme *Eu, Tu, Eles* seguia na sua reta final, e Manuca já tinha entregue vários CD's aos amigos, mas não obtinha nenhum resultado ou comentário sobre os mesmos. Um certo dia, ele foi procurado pela direção do filme para encontrar um espaço reservado para fazer a festa de aniversário da figurinista do filme. Ele mesmo com a veia artística aliada ao marketing puro sangue, ofereceu sua casa para a festa, garantiu que era um espaço bom, discreto e reservado só para a equipe e convidados e ainda garantia as atrações. Aceitaram na hora.

Manuca convidou os amigos Raimundinho do Acordeon e Targino Gondim para tocar na festa e de graça. E assim foi casa lotada, equipe inteira e muito forró. Regina Casé estava atenta, por ser nordestina sempre valorizou suas raízes, o forró atraía a atenção da atriz, mas foi quando Targino Gondim tocou a música *Esperando na Janela*. Lu Almeida estava ao lado dela e viu que os olhos da atriz brilharam. Durante a festa ela pediu para Targino tocar várias vezes. Ali ela já articulava na memória para a música ser a trilha da sua personagem Darlene. Por causa dessa festa, Targino foi convidado para participar do filme tocando sanfona na cena e a música entrou na trilha.

A entrada da música na trilha do filme foi um sucesso. A música alcançava o primeiro lugar nas paradas de sucesso de todo o Brasil, tocando sem parar nas rádios, TV's, shows e festas. Ao mesmo tempo que a música tocava em todos os lugares, explodia também no começo de 2000 a pirataria. As lojas de discos começavam a desaparecer dando lugar a venda clandestina de CD's prejudicando os recebimentos dos direitos autorais devidos. Em toda esquina, bares e lugares encontrava alguém vendendo o CD de Gilberto Gil. Com o sucesso da música, Manuca começou a ser procurado por outros intérpretes e suas músicas começaram a ser gravadas. Manuca e parceiros fecharam com a editora Gegê de Gilberto Gil que passou a gerenciar as músicas dos três. Um ano depois, *Esperando na Janela* foi indicada ao Grammy Latino, segunda edição da festa que premia os melhores da música em várias categorias. Manuca e parceiros receberam o convite em casa, mas só Manuca viajou para Los Angeles. A ida não foi fácil, precisava resolver tudo da viagem em poucos dias, visto, passaporte, dinheiro para passagens e hospedagem. Era muita coisa para resolver em pouco tempo. Quando Manuca recebeu o convite disse: Não temos como ir. Lu rapidamente disse: nós não, você vai.

A partir daí começou o corre para resolver tudo em tempo recorde. O amigo Jorge Khoury ajudou nas passagens, o ator e amigo Paulo Betti, que ele tinha conhecido e ficado

amigo no filme Guerra de Canudos, conseguiu para ele o visto rápido, por se tratar de uma premiação muito importante, Geraldo Azevedo conseguiu o amigo Pippo Spera para receber Manuca em Los Angeles. Tudo deu certo. No dia 8 de setembro, Manuca viajou para os Estados Unidos, cheio de esperança e muita vontade de trazer o troféu tão sonhado.

A viagem foi tranquila e em Los Angeles foi recebido pelo amigo de Geraldo Azevedo, Pippo Spera, que a partir daquele dia passou a ser seu amigo também. Em Los Angeles, fez turismo, e na noite do dia 10 de setembro de 2001 participou da festa dedicada ao homenageado do evento, o cantor Júlio Iglesias. As maiores celebridades estavam na festa que já mostrava um pouco como seria no dia seguinte. Na festa, Manuca encontrou alguns brasileiros, que também concorriam ao prêmio, a exemplo de Sérgio Reis e Emílio Santiago e ganhou uma medalha comemorativa. De volta ao hotel, Manuca ligou para Lu, feliz e quase certo que levaria o prêmio, mas no dia seguinte, rapidamente aquela alegria se transformou em preocupação, é que naquele momento acontecia em Nova York um terrível atentado as torres gêmeas. Por causa da gravidade do acontecido e de possíveis novos ataques, a cerimônia foi cancelada. Manuca teve muita dificuldade para voltar ao Brasil. Voos foram cancelados e muitos passageiros passaram a morar nos aeroportos para ver se conseguiam passagens, inclusive ele.

De volta ao Brasil, muitas portas foram abertas e Manuca soube aproveitar. Vários artistas começam a gravar suas músicas, artistas que antes eram distantes agora estavam pertos e não só mais Alexandre, Targino e Gil gravavam suas músicas. Grandes ídolos passaram a gravar também. Dominginhos, Rio Negro e Solimões, Ivete Sangalo, Família Caimmy e muitos outros. Logo de cara recebeu uma proposta irrecusável e assim Manuca deixa a Gegê e começa a editar suas músicas com a BMG que logo é vendida a multinacional Universal *music* que continua a administrar junto com ele e Lu sua carreira. Ainda quando BMG uma figura foi muito importante no início da carreira, Luizinho Marques, diretor musical da BMG. Luizinho colocou várias músicas de Manuca e Alexandre Leão em várias novelas da Record e SBT, fazendo que Manuca ficasse mais conhecido na área musical.

Todo esse boom na carreira do poeta deu uma estabilidade financeira que a família tanto almejava. Em 2001 abriram a empresa Provedor de Ideias, agencia de publicidade e escritório para gerenciar a obra de Manuca, investiram em imóveis, terrenos e o maior investimento foi a faculdade particular da filha Dandara. A partir de 2001 Manuca se dedicou quase que exclusivamente a composição. Quase exclusivamente, porque ainda fazia alguns shows performáticos, lançava livros e CDs com as suas músicas gravadas. E teve suas produções espalhadas em novelas, livros, CDs, filmes, seriado, contando com os principais

parceiros: Alexandre Leão, Targino Gondim, João Sereno, Tito Bahiense, Tato (Fala Mansa), Ivo Mozart, Marcelo Mira, Zeider (Planta e Raiz).

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão sobre como são os comportamentos, as tradições e os conhecimentos de um determinado grupo social, incluindo a música local, artes, literatura entre inúmeros outros aspectos, é importante. Pois faz parte de uma cultura que se cria em determinado contexto, soma-se a outras possibilidades e a outros elementos e se funde com características outras, que transformam as vivências e as relações sociais dos indivíduos.

De acordo com SANTOS (1983), “Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”. E, portanto, contribui para a geração de novos conhecimentos, interações e trocas, ou até mesmo, consegue provocar, como aconteceu com Manuca Almeida, o sentimento de pertencimento não a Aracaju – SE, seu local de nascimento, mas a Juazeiro – BA, para onde foi e sentiu que aquele era o seu lugar, que era ali que ele tinha que fincar suas raízes, desfrutar e criar novos elementos culturais.

A cidade de Juazeiro é conhecida mundialmente não só pela fruticultura irrigada, mas também, como berço cultural de vários artistas, entre eles, João Gilberto; Ivete Sangalo; Luiz Galvão etc. Juazeiro está situada no norte do Estado da Bahia e localizada à 507,9 Km da capital Salvador. Em 2021 de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), à população estimada da cidade é de 219.544 habitantes.

Juazeiro é uma cidade que respira arte e cultura a todo tempo, seu povo festivo, acolhedor, cultivam e mantem viva algumas das tradições folclóricas, profanas e religiosas do município. Tais movimentos e devoções são passados entre as gerações, dos pais, para os filhos e dos filhos, para os netos e demais descendências.

Entre as manifestações tradicionais em que os juazeirenses comparecem em massa, vale destacar o cortejo fluvial do Bom Jesus dos Navegantes, realizado sempre no dia 1º de janeiro às margens ribeirinhas do São Francisco na Orla da cidade. O carnaval antecipado, considerado uma das maiores festas de Momo do interior da Bahia, festejado 15 dias antes do carnaval oficial do Brasil. A Feira Nacional da Agricultura Irrigada (FENAGRI) que atrai não só a participação dos juazeirenses, mas de visitantes do país e de empresários do mundo. O tradicional desfile cívico de 7 de setembro, aonde milhares de pessoas, nas manhãs ensolaradas, prestigiam o desfile. A procissão de Nossa Senhora das Grotas, aonde os fiéis rendem homenagens e celebram a padroeira da cidade. O Festival Internacional da Sanfona sobre a curadoria do sanfoneiro e parceiro de Manuca Almeida, Targino Gondim. As cantadas

natalinas realizadas pelos alunos da rede municipal de ensino. O Festival Edésio Santos da Canção, que reúne além dos artistas regionais, vários compositores, músicos e interpretes de todo o Brasil, no qual algumas composições de Manuca Almeida já foram interpretadas, e agraciadas com premiações, troféus e homenagens, até póstumas.

Entre algumas das poesias e versos mais marcantes de Manuca, estão: “Se alguém lhe amar como eu, não é alguém, sou eu”. “Eu queria ser você, só pra dizer sim. Sonhos não dormem”. “Acorde seus sonhos mais cedo”. “A sua dor está ligada à minha alma, a sua alma está ligada ao meu coração, a minha vida está ligada ao meu sorriso, o seu sorriso ao meu coração”. “O futuro não é nada se a gente não entende o presente”. “Não quero nada que não seja poesia. Nada que não possa ser luz no dia. Não quero nada que não seja música, que não tenha consciência, que não seja essência. Eu não quero nada, que seja nada, por preguiça, prefiro a paz e a prosa”.

Das composições musicais que possuem também a autoria de Manuca Almeida, vale destacar Esperando na Janela, gravada por Gilberto Gil; Targino Gondim; Jorge de Altinho e dezenas de cantores renomados. De acordo com as informações e repasses de direitos autorais do Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), a composição que tem mais de duas décadas de gravada, até hoje, no período junino está no rol das mais executadas. Depois de Esperando na Janela, a música Pop Zen é a segunda mais gravada. Nomes como Arnaldo Antunes; Família Caymmi; Ivete Sangalo; entre outros, interpretaram a canção que possui a autoria dos Compositores: Manuca Almeida; Alexandre Leão e Luiz Eladio “Lalado”.

Por todos esses aspectos, foi escolhido o documentário como produto para manter reunida a vida e a obra do artista. Que contada de múltiplas formas, combinadas e expressas com base na vivência de pessoas em momentos e contextos diferentes, torna autênticos aqueles momentos, e assim os eternizam. Portanto,

Isso equivale a dizer que o valor documental dos filmes de não ficção está em como eles representam o visual e auditivamente os tópicos para os quais nossa linguagem escrita e falada fornece conceitos; elas nos dão exemplo. (É por isso que tantos documentários se apoiam no comentário falado para guiar o espectador para a interpretação “correta” das imagens ilustrativas do que é dito) (NICHOLS, 2005, p. 97).

E para esse processo ganhar forma, através dos discursos, foi preciso fazer uma seleção ampla de participantes, bem como manter a organização para a realização das ações técnicas e para a execução do documentário. De outro modo, a

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2019, p. 15)

Em contrapartida, não se pode deixar de lado as obrigações enquanto graduando do curso de Jornalismo em Multimeios, do Campus III, da Universidade do Estado da Bahia, sobre o dever e o cuidado com a informação, destacado por MALTA e JORGE (2016) *apud* Medina (2000), que são os quatro critérios levados em conta pelo jornalismo, que sintetizariam as características da entrevista na imprensa:

Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em tocar o presente (atualidade); por mais psicólogo que queira ser diante de um interlocutor confessional, ele terá de se ater a traços significativos para muitas outras pessoas que, na comunicação anônima, se identifiquem com o entrevistado (universalidade); por mais profundo que queira ser no tempo e no espaço, tal qual um artista ao pintar o seu modelo, não poderá se desvincular do timing '24 horas ou menos' (periodicidade); e por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão colidir com a legibilidade da comunicação coletiva (difusão) (MEDINA, 2000, p.19).

5. METODOLOGIA

Essa pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, usando o método exploratório e tem abordagem qualitativa. Que conforme Malhotra (1993) *apud* Révillion (2003), “é a principal metodologia utilizada nos estudos exploratórios e consiste em um método de coleta de dados não-estruturado, baseado em pequenas amostras e cuja finalidade é promover uma compreensão inicial do conjunto do problema de pesquisa” (MALHOTRA, 1993, p. 156).

Neste sentido, a metodologia envolve entrevistas com pessoas que tiveram experiências ligadas diretamente ao artista Manuca Almeida. E elas podem ser caracterizadas, de acordo com FELIX (2017) como Entrevista de Personalidade, “feita para traçar um perfil de uma pessoa pública. Nessa entrevista, constam informações sobre hábitos, história de vida e outras curiosidades relevantes sobre a pessoa em questão”.

Contudo, como bem qualificou LAGE (2001), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”. Fundamental para este trabalho, uma vez que a história de Manuca Almeida, já falecido, só pode agora ser contada através de relatos de quem conviveu com ele, de fotografias, e do seu imenso acervo memorial em Juazeiro – BA.

E isso foi muito bem expressado através das falas de Lu Almeida, viúva de Manuca; por personalidades do meio artístico, como Alexandre Leão; Andrea Vitória; Andrezza Santos; Bega Silva; Carlos Maurício “Mauriçola”; Laurinha Arantes; Manollo Ferreira; Marcelo Mira; Paulo Betti; Sérgio Murilo; Targino Gondim; Tato Falamansa; Veinho e Xangai. Fundamentais para resgatar as vivências de Manuca, com base nas vivências que todas essas personalidades tiveram com ele.

Outro processo fundamental realizado foi a coleta de dados, que ocorreu de agosto até novembro de 2021, por meio de entrevistas presenciais das fontes que residem em Juazeiro-BA e em Petrolina-PE. Já as falas de Alexandre Leão; Armandinho Almeida; Carlos Clara; Laurinha Arantes; Marcelo Mira; Margareth Menezes; Paulo Betti; Targino Gondim; Tato Falamansa e Xangai, foram obtidas, após entrar em contato com os respectivos, os quais enviaram os seus vídeos de forma online.

6. DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS PRÁTICOS

Ao iniciar o desenvolvimento da pesquisa, percebi a amplitude e abrangência do tema escolhido, pois não se trata de um poeta ou de um compositor, que enveredou no campo das artes poéticas e musicais, pensando em se autopromover, ou atrair os holofotes apenas para si próprio, mas que, cultivava o respeito, amor e dedicação, quanto à exposição dos trabalhos dos seus parceiros, músicos e intérpretes, no sentido de expandir e da notoriedade, quer seja, nos pequenos, médios e grandes palcos, como também a publicização das artes e das poesias dos artistas de Juazeiro, do Vale do São Francisco, do Nordeste e até mesmo do Brasil, nos meios de comunicação de massa e nas plataformas digitais.

6.1 – DO PROCESSO DE GRAVAÇÃO

O processo de captação de imagens fez-se no período de 9 a 25 de novembro de 2021. Foram utilizados uma câmera filmadora Sony Hvr S270n, um Tripé Profissional Kingjoy VT-2500 com cabeça hidráulica fluida para 12kg, além de um smartphone Motorola G30 e um microfone lapela. Não foi determinada uma quantidade exata de quantas pessoas seriam entrevistadas, as fontes foram escolhidas de acordo com a relação que tinham com Manuca Almeida.

Foram entrevistadas mais de 20 pessoas e as gravações foram feitas no período da tarde. A ideia era entrevistar de três a cinco pessoas por dia. As primeiras entrevistas foram com o artista plástico, Bega Silva, com os cantores e compositores João Sereno e Mauriçola, com o empresário, Florêncio Galdino e com o amigo e compadre Junolão. As entrevistas foram realizadas no início de tarde nas praças do Angari e da Catedral, além de distintos espaços da Orla Fluvial e por último no jardim da casa de Junolão, ao fim da tarde do dia 9 de novembro.

No dia 10, às 14h30 iniciamos as gravações com o jornalista Flávio Ciro, na Rádio Tropical Sat FM. Em seguida fomos até a residência da família de Manuca, passamos o restante da tarde e adentramos as primeiras horas da noite, entrevistando Lu Almeida, ela que é uma das principais fontes de pesquisa em se tratando da história de Manuca, parceira de longas datas do artista e curadora do Memorial Manuca Almeida. Dois dias depois retornamos ao Memorial para gravarmos com Iana Almeida e Fernanda Almeida, filha e neta do personagem.

Já no dia 16, atravessamos a ponte para Petrolina, chegamos por volta das 14h20 no SESC – Petrolina para entrevistar a cantora Andrezza Santos. Após gravarmos com a cantora, retornamos para Juazeiro. Às 15h40, já na praça Santa Terezinha, bairro Piranga, entrevistamos o poeta Manollo Ferreira. Neste mesmo dia havia combinado a gravação com o publicitário Carlos Britto, após a conclusão da entrevista de Andrezza, e finalizando a entrevista com Manollo, eis que Britto me liga procurando saber aonde me encontraria para também gravar, e em questão de poucos minutos o publicitário chegou na praça e gravou no mesmo dia. E para finalizarmos as gravações, já no final da tarde, no estúdio da Rádio Cidade gravamos com o Radialista Waltermário Pimentel.

As entrevistas avançaram com os demais entrevistados em dias alternados e em diferentes horários das tardes de novembro, entrevistamos o aposentado, Josias Amorim, o radialista Farnésio Silva, os poetas Sérgio Murilo e Veinho. Ao todo foram 32 horas de gravação. Ainda consegui os contatos do cantor Alexandre Leão, do ator Paulo Betti e dos cantores Targino Gondim e Xangai, apresentei a proposta do documentário e ambos enviaram os seus vídeos. Já os vídeos de Armandinho “irmão de Manuca”, do neurocirurgião Carlos Clara, do escritor Jorge Reis, da atriz Laurinha Arantes, do compositor Marcelo Mira, da cantora Margareth Menezes e do cantor Tato Falamansa, foram todos enviados através da interlocução de Lu Almeida.

6.2 – DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO, DECUPAGEM E FINALIZAÇÃO

Somadas a captação para o processo de decupagem das imagens, foram mais de 45 horas, tempo em que eu e o cinegrafista passamos entre as gravações e na ilha de edição. A decupagem se estendeu até 30 de novembro. Das imagens brutas fiz a seleção dos trechos que, possivelmente, seriam utilizados na edição, marcando o tempo e registrando a deixa inicial e a deixa final.

Um pré-roteiro foi elaborado antes das filmagens com o intuito de ter uma direção, um encaminhamento e evitar um modo aleatório de gravação. Porém, no decorrer das gravações, sentia-se que ele não seria utilizado na íntegra, devido às surpresas que apareciam durante as gravações. No entanto, mantive algumas ideias do roteiro inicial, e outras precisaram ser reescritas durante a produção. Por isso, o roteiro final foi construído no ato da edição.

A técnica de edição foi realizada pelo cinegrafista e editor Ailton Nery, enquanto produtor e idealizador do documentário, acompanhei todos os processos de edições. Essa etapa teve duração de oito dias.

Outro momento importante foi a decupagem e o aproveitamento das imagens antigas, gravadas em fitas VHS que foram cedidas por Lu Almeida. O desafio era contar tantos episódios relevantes da história de Manuca, em aproximadamente 30 minutos e de forma criativa, para não cansar o telespectador. Mas, logo se percebeu que nesse tempo previsto, seria inviável fazer o registro, dada a importância encontradas nas falas dos entrevistados. E das 3 horas e 22 minutos de gravação, enxugamos para 1 hora e 25 minutos. Sentimos muita dificuldade em realizar novos cortes, porém extraímos algumas falas que se repetiam dos entrevistados. Após nova edição imaginávamos que passaria dos 50 minutos, mas a duração do vídeo documentário é de 49 minutos e 42 segundos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disponibilizar vários detalhes da vida de Manuca Almeida, o seu amor e sentimento de pertencimento pela cidade de Juazeiro, suas performances poéticas revolucionárias, os movimentos e atitudes de um ser inquieto que protagonizou e incentivou por muitos anos os manifestos populares culturais de ruas e praças, proporcionando para as pessoas de classes mais baixas, a oportunidade de terem acesso a arte, a poesia, a música e a toda expressão artística cultural, tudo isso, foi muito além do que eu imaginava em retratar no meu produto de TCC.

Relembrar a história de Manuca Almeida é relembrar também a história de todos aqueles que promoveram a cultura que abarcava todos os gêneros e expressões artísticas de Juazeiro, entre eles me veio as lembranças das gincanas dos bairros e colégios que eram realizadas por Leônidas, do slogan de Zé Alberto Show que dizia, “E este que vos fala, é o melhor apresentador, locutor e animador de palco de toda a região, Zé Alberto Show, o Show Man de Juazeiro. De Naldinho que levou o Chá das 5 para os bairros e que por muitos anos promoveu a Quarta Cultural, no Arco da Ponte; as encenações teatrais dos atores Cláudio Damasceno “Lole”; George “Gargamel”; Lucien Paulo; Wellington Monte Claro, entre outros, que em vida se dedicaram ativamente em promover e impulsionar a cultura juazeirense.

Compreender que a mudança é possível e que a comunicação deve, sim, estar a serviço da vida. Sem dúvidas, muito foi acrescentado ao meu exercício e desempenho da prática do “exercer jornalístico”. A cada aula, a cada momento da grade curricular, a cada disciplina, a cada imprevistos, a cada apuração, a cada seminário, fóruns, palestras, congressos e debates e, a cada mudança de rumo percebi a realidade pulsante, desafiadora e determinante no desempenhar do ofício. Trago comigo elementos norteadores que me ajudaram, e que continuarei a explorá-los todos os aprendizados que obtive com os meus professores e colegas do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus Juazeiro.

O gênero videodocumentário inicia apenas um mundo de possibilidades, uma vez que ele não se esgota aqui, mas poderá ser muito explorado em outras áreas, além da Comunicação Social. Garimpar a trajetória deste “simples e pequeno homem como pessoa, mas de uma grandeza enorme enquanto artista” é, simultaneamente, conhecer parte das construções, discursos e narrativas de inclusões socioculturais, que marcam a história

regional. Não se pode falar da identidade cultural, bem como da veia artística de Juazeiro sem se mencionar Manuca Almeida.

REFERÊNCIAS

FELIX, Fernanda. **Conheça os 8 Tipos de Entrevista**. Disponível em <<https://academiadojornalista.com.br/producao-de-texto-jornalístico/tipos-de-entrevista/>>. Acesso novembro 2021.

JUAZEIRO, TV Uneb. **Fome de Quê com Manuca Almeida**. YouTube. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QnYhfG8kZHY&ab_channel=TVUNEBJuazeiro>. Acesso em outubro 2021.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Disponível em <<http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2017/10/A-reportagem.pdf>>. Acesso em novembro 2021.

MALHOTRA, N. K. Marketing research: an applied orientation. New Jersey: Prentice-Hall, 1993. In - A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing – Révillion. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rimar/article/view/26692/14330>>. Acesso novembro 2021.

MALTA, Ana Teresa Alves. JORGE, Thais de Mendonça. **Proximidade e afastamento: Reflexões sobre técnicas de entrevista em tempos de internet**. Disponível em <<https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/109>>. Acesso em novembro 2021.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. São Paulo: Editora Papirus, 2005.

UNIVASF, RTV Caatinga. **Entre um Café, uma Prosa com Manuca Almeida**. YouTube. 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2EPjOQ-xZm0&ab_channel=RTVCaatingaUnivasf>. Acesso em outubro de 2021.

APÊNDICE I – Cronograma

ATIVIDADES	Semestre 2021.2				
	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Planejamento da pesquisa	X				
Revisão bibliográfica		X	X	X	
Pesquisa		X	X	X	
Gravação das Imagens				X	
Entrevistas				X	
Decupagem				X	
Edição				X	
Entrega final					X
Apresentação					X

APÊNDICE II - Orçamento

DESCRIÇÃO:	VALOR:
Gravação e Edição de Imagens.	R\$ 3.000,00
Combustível utilizado para deslocamento do produtor e cinegrafista, entre as cidades de Juazeiro e Petrolina.	R\$ 280,00
Serviço de captação e melhoramento das imagens em VHS	R\$ 150,00
TOTAL:	R\$ 3.430,00

APÊNDICE III – Sinopse e Ficha Técnica

Artista inquieto, destemido, inovador, visionário, batalhador, incansável, irreverente, de uma ousadia imensa e inigualável. Manuca Almeida experimentou e fomentou várias vertentes culturais, com a sua intrepidez, carisma e autoestima elevadíssima. Conseguiu através da sua facilidade de lidar com as palavras, elevar a poesia, a música, a alegria para muitas vidas e o amor para muitos corações. Agora, a trajetória desse ator, compositor, empreendedor, poeta e produtor cultural são evidenciadas em vídeo, por diferentes pessoas, que tiveram o privilégio de conviver com ele.

Ficha Técnica

Título original:	Eu sou o que sou – Manuca Almeida
Orientação:	Prof. Me Emanuel Andrade
Roteiro, Produção e direção:	André Calixto
Imagens e Edição:	Ailton Nery e André Calixto
Arte:	Iehoshua Iahueh
Gênero:	Documentário
Ano de Produção:	2021
Duração:	49 min e 42 seg
Nacionalidade:	Brasil
Idioma:	Português
Legenda:	Português

APÊNDICE IV – Termos de Autorização de Uso de Áudio e Imagem

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso de minha imagem e som da minha voz por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, Videodocumentário: *Eu sou o que sou – Manuca Almeida*. A presente autorização abrange os usos acima indicados via televisão (canal aberto ou fechado); via internet (sites, YouTube e outros) e via mídias digitais (DVD, pen drive, CD, VCD e outros) sem qualquer ônus a André Calixto de Souza Brito, portador do RG 0914900498 SSP/BA e inscrita no CPF 990.416.505-04, responsável pelo projeto, que poderá utilizá-lo em todo território nacional e no exterior. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Juazeiro-BA, ____ de novembro de 2021.

Assinatura

Nome:
Endereço:
RG N°:
CPF N°:
Telefone:

APÊNDICE V – Entrevistados

Alexandre Leão, (Compositor);
Andrea Vitória (Cantora);
Andrezza Santos (Cantora e compositora);
Armando Almeida – “Armandinho” (Irmão);
Bega Silva (Artista Plástico);
Carlos Clara (Neurocirurgião);
Carlos Britto (Radialista);
Carlos Laerte (Jornalista);
Carlos Mauricio Dias – “Mauriçola” (Compositor);
Ermi Ferrari – “Junolão” (Compadre);
Farnésio Silva (radialista);
Fernanda Almeida (Neta);
Flávio Ciro, (Jornalista);
Iana almeida (Filha);
João Sereno (Compositor);
Josias Amorim (Aposentado);
Laurinha Arantes (Atriz e Cantora);
Lucélia Almeida, (Esposa);
Manollo Ferreira (Poeta);
Marcelo Mira (Cantor e compositor);
Margareth Menezes (Cantora);
Paulo Betti (Ator);
Sérgio Murilo (Poeta);
Targino Gondim, (Cantor e compositor);
Tato Falamansa (Cantor e compositor);
Veinho (Poeta);
Xangai (Cantor);
Waltermário Pimentel (Radialista).

APÊNDICE VI – Roteiro de entrevistas

Como você descreve a pessoa, o poeta e compositor Manuca Almeida?

Quais foram as parcerias e vivências que você teve com Manuca Almeida?

Tem algo engraçado e até mesmo inusitado de Manuca Almeida que você soube ou presenciou?

Qual expressão, trabalho ou conteúdo que se tratando de Manuca Almeida, não pode deixar de ser evidenciado?

Manuca, juntamente com alguns amigos, também participou como articulador da criação do movimento Cultural “Chá das 5”?

Você já andou no carro de Manuca pelas ruas de Juazeiro, oportunidade em que o mesmo mostrava as suas composições, antes mesmo dele apresentar as grandes estrelas da MPB?

Qual legado deixado por Manuca Almeida?

APÊNDICE VII – Roteiro do documentário

1º Bloco. Entra vídeo de Manuca: *“A vida é uma estrada cheia de vento, e a poeira come no centro, rock in rool, na veia da véia, e o vento veloz com o tempo vem”*.

2º Bloco: Sobe som com imagens da placa da rua poeta Manuca Almeida. Abertura do portão que dá acesso ao jardim da casa de Manuca, com imagens de plano de fundo de um banner com a foto de Manuca. Após, aparece o nome do documentário: *Eu Sou o que Sou – Manuca Almeida*; Brasão da UNEB com escrita identificando Campus – Juazeiro; Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo em Multimeios. Aluno: André Calixto. Orientador: Emanuel Andrade. Semestre: 2021.2

3º Bloco: Entra vídeo de Manuca: *“Juazeiro, eu tive um tempo que tinha trauma, eu fiz terapia comigo mesmo pra melhorar isso, porque não ter nascido em Juazeiro, é um problema na minha vida, e não nasci um cacete. Nasci mesmo, porque no astral eu sou daqui, entendeu. Minha mãe, não podia ser perfeita, nem meu pai, fizeram, tiveram esse momento insano e infeliz de fazer com que eu não fosse filho de Juazeiro”*.

4º Bloco. A Poesia e o Jornal Tecanos:

Entrevistados; Lu Almeida, esposa. Josias Amorim, Aposentado. Mauriçola, cantor e compositor e Junolão, compadre.

5º Bloco. Devido ao desinteresse de Manuca pelos estudos, ele vai parar em internatos:

Entrevistados; Lu Almeida. Farnésio Silva, radialista.

6º Bloco. Influenciado pelo irmão Armandinho; Manuca começa a escrever:

Entrevistados; Mauriçola e Armandinho.

7º Bloco. Recita em praças públicas de São Paulo e Salvador, aonde Manuca chegar a ser preso:

Entrevistados; Lu Almeida e Josias Amorim.

8º Bloco. Depois das idas e vindas das duas capitais, Manuca traz para Juazeiro a poesia performática:

Entrevistada; Lu Almeida. Entra vídeo de Manuca: Humildade não é pra todos, identidade todo mundo tem, quando ela olhar pra mim, eu aceno, quando ela olhar pra mim, eu me toco. Entrevistados; Manollo Ferreira, poeta. João Sereno, cantor e compositor. Waltermário Pimentel, radialista. Bega Silva, artista plástico. Carlos Britto, publicitário. Entra vídeo de Manuca: A gente recebe a poesia que a gente vibra. O amor que a gente tem, é o amor que a gente vibra. Ame mais, cada vez mais, pra ver se o amor, cada vez mais não vai ser um amor mais lindo. Pense mais em poesia, pra ver se a poesia não vai tá mais em sua vida. Bote flor no seu jardim, pra ver se a sua vida não vai tá cheia de flor. Então, são as escolhas que a gente faz. Eu escolhi a poesia, e o caminho da poesia não é só de amor, não é só de flor, vem o sofrimento, vem o espinho, vem à pedra, vem o prédio, vem o tijolo, vem tanta loucura mulher, e vem a loucura também.

9º Bloco. Movimento Chá das 5:

Entrevistados; Junolão. Lu Almeida. Mauriçola. Waltermário Pimentel. Manollo Ferreira e Bega Silva. Entra vídeo de Manuca: Há em mim um novo olhar, você chegou, mexeu, buliu, mudou tudo que tinha. Há em mim não me mostrar, ai de mim não me mostrar, e até guardar o que há de bom.

10º Bloco. Namoro, loja, casamento e filhas:

Entrevistada; Lu Almeida. Entra vídeo de Manuca: A minha comunidade, é o meu País, a minha história se confundi com a cidade, e eu vejo o mundo a partir daqui.

11º Bloco. Manuca passar a produzir shows de grandes artistas:

Entrevistados; Lu Almeida e Xangai.

12º Bloco. Contato com a música em Santo Amaro:

Entrevistados; Lu Almeida. Charlie Augusto, poeta e Junolão.

13º Bloco. De Santo Amaro trouxe a sua primeira música para Juazeiro. Parcerias com Targino Gondim e Alexandre Leão:

Entrevistados; Lu Almeida; Targino Gondim, cantor e compositor e Alexandre Leão, cantor e compositor. Entra vídeo de Manuca: Eu ficava procurando assim, meu Deus, eu não me

preparei pra nada, a não ser trabalhar com a palavra, e me julgo aprendiz, eu acho que daqui a 20 anos, é que vou escrever muito.

14º Bloco. Mania. Saídas para encontros com os amigos, oportunidade em que mostrava os seus recentes trabalhos:

Entrevistados; Lu Almeida. Junolão. Bega. Mauriçola. Andrezza Santos, cantora e compositora. João Sereno. Farnésio e Flávio Ciro, jornalista.

15º Bloco. Chamar os amigos para compor, e nas discordâncias havia desentendimentos:

Entrevistados; Lu Almeida. João Sereno e Targino.

16º Bloco. Manuca, ator e produtor local de grandes filmes, porem a música sempre presente, daí surge Esperando na Janela.

Entrevistados; Lu Almeida. Targino e Paulo Betti, ator. Entra vídeo de Gilberto Gil, cantado Esperando na Janela.

17º Bloco. Grammy Latino. Artistas renomados passam a gravar as composições de Manuca:

Entrevistada; Lu Almeida. Entra vídeo de Jorge e Matheus, cantando Menina Maluquinha. Entra vídeo de Manuca: *“Eu conseguir através da música em poucos anos, o que em muitos anos eu não conseguir com a palavra, e a música desmistificou todo o meu conceito do que eu posso, do que eu não posso, do que é legal com a palavra ou não”*.

18º Bloco. Compositores de São Paulo. Quadrilha do bem:

Entrevistados; Lu Almeida. Marcelo Mira, cantor e compositor. Tato Falamansa, cantor e compositor. Entra vídeo da Banda Falamansa, interpretando a música Respeite a Maré.

19º Bloco. Visão de reconhecer novos talentos e Festival Edésio Santos da Canção:

Entrevistados; Lu Almeida. Andrezza e Andrea Vitória, cantora.

20º Bloco. Amor, pertencimento por Juazeiro e Título de Cidadão Juazeirense:

Entra vídeo de Manuca: *“Juazeiro é a paixão da minha vida, você pode falar mal de todo mundo, menos da minha mulher, das filhas e de Juazeiro, ou então ter uma repulsa assim com a poesia. Essas coisas me incomodam, me chateia. Entrevistados: Carlos Britto. Florêncio Galdino, empresário. Entra vídeo de Manuca: Com a poesia fiz música, amor,*

trabalho, e eis que surge um momento na minha vida que muito me inspira, me pira, que me promove a tal ponto, que coloco na poesia, gravata e paletó. Pra tirar onda”.

21° Bloco. Descoberta da doença, tratamento, novas composições e falas quanto ao legado deixado por Manuca:

Entrevistados; Lu Almeida. Jorge Reis, escritor. Marcelo Mira toca trecho da última música que Manuca compôs com o mesmo. Carlos Clara, neurocirurgião. Dadau Barbosa, produtor cultural. Flávio Baião, cantor e compositor. Alan Cleber, cantor e compositor. Jocélio Bello, artista plástico. Fernanda Almeida, neta. Iana Almeida, Filha e Junolão.

22° Bloco. Acervo Memorial Manuca Almeida e homenagem:

Entrevistados; Lu Almeida e Carlos Laerte, jornalista. Entra vídeo de Manuca, interpretando trecho da música Pop Zen.

23° Bloco. Lembranças e declamações:

Entrevistados: Carlos Britto. Mauriçola. Margareth Menezes. Lu Almeida. Fernanda Almeida. Bega. Laurinha Arantes, atriz e cantora e os poetas Veinho e Sérgio Murilo.

24° Bloco. Encerramento.